



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
FACULDADE DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

SHIRLENE DA SILVA LOBO

A FESTIVIDADE DE SÃO BENEDITO NO QUILOMBO: Entre passado e presente,
mudanças e permanências, e a importância do conhecimento para o reconhecimento

ANANINDEUA-PA

2024

SHIRLENE DA SILVA LOBO

A FESTIVIDADE DE SÃO BENEDITO NO QUILOMBO: Entre passado e presente,
mudanças e permanências, e a importância do conhecimento para o reconhecimento

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de História, do Campus Universitário de
Ananindeua, como requisito obrigatório para obtenção
de grau de Licenciatura em História, pela Universidade
Federal do Pará.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Anna Maria Alves Linhares

ANANINDEUA-PA

2024

SHIRLENE DA SILVA LOBO

A FESTIVIDADE DE SÃO BENEDITO NO QUILOMBO: Entre passado e presente,
mudanças e permanências, e a importância do conhecimento para o reconhecimento

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Faculdade de História, do Campus Universitário de
Ananindeua, como requisito obrigatório para obtenção
de grau de Licenciatura em História, pela Universidade
Federal do Pará.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Anna Maria Alves Linhares

Data de aprovação: 11/12/2024

Conceito: Excelente

Banca Examinadora:

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Anna Maria Alves Linhares
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Examinadora externa: Prof^a. Ms^a. Caroline Barroso Miranda
Secretaria de Estado de Educação do Pará (SEDUC-PA)

Examinadora externa: Prof^a. Ms^a. Hortência Keise Araújo Cardin
Sem vínculo institucional

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela essência da vida, que me fortalece a cada dia na caminhada por um mundo mais igualitário e mais justo. Ao meu esposo, Haroldo Lobo, pois só nós sabemos quantos sacrifícios enfrentamos para chegar a este momento; agradeço pelo seu exemplo de força e coragem, que me ajudou a nunca desistir diante das dificuldades que encontrei. Aos meus filhos, que foram meu conforto nas possíveis decepções e fracassos que enfrentei; à minha mãe e aos meus familiares, que, muitas vezes, mesmo em silêncio, nos demonstraram amor e compreensão, e sofreram com nossas ausências quando o dever e os estudos nos chamavam. Em vocês encontrei incentivo para continuar. Ao Glorioso São Benedito, padroeiro de Vila Moiraba, que estive comigo em todos os momentos de aflição por meio das minhas orações; e, principalmente, à Associação de Moradores e Agricultores Remanescentes de Quilombo São Benedito (AMARQUISB), por ter sido a porta de entrada para esta oportunidade, que honrarei transmitindo ao nosso povo a importância de preservar os bens existentes em nosso território.

RESUMO

O presente artigo pretende analisar as narrativas orais e documentais para o estudo e conhecimento do Patrimônio Imaterial presentes no Quilombo São Benedito, situado no distrito de Vila Moiraba, localizado à margem direita do Rio Tocantins, em Cametá, Pará, tendo como base a Festividade de São Benedito, que possui admirável relevância religiosa, cultural e popular. Destacam-se os hábitos e tradições específicos da comunidade, que constituem, de forma peculiar, sua identidade e sentimento de pertencimento. Trata-se de patrimônios históricos, bens culturais, ofícios e modos de fazer, celebrações, lugares e formas de expressão típicos do território, que necessitam de estudo para o reconhecimento, valorização e preservação local, a fim de evitar, no futuro, impactos irreparáveis no quilombo, decorrentes do constante processo de mudança. Assim, para que um bem seja reconhecido como patrimônio em nossa localidade, ele precisa ser pesquisado com muito critério, considerando a nossa história, suas características técnicas, o estado de conservação, as transformações ao longo do tempo, e sua importância cultural, entre outros aspectos. Nesse contexto, destaca-se a tradicional Festividade de São Benedito como exemplo de Patrimônio Imaterial que precisa ser reconhecido e preservado pela população em geral. Isso fortalece e identifica nossos vínculos patrimoniais e culturais, estimulando a participação em todas as etapas da preservação dos bens existentes em nossas comunidades, em consonância com a escola Gracinda Dias Peres, que é um veículo de transmissão para o ensino-aprendizagem. A escola pode proporcionar possibilidades e reflexões sobre a Educação Patrimonial, enfatizando a festividade como patrimônio imaterial, pois, por meio da educação, é possível narrar a história do festejo até os dias atuais, contribuindo também para a historiografia do quilombo, no qual a festa está inserida, com o apoio da Gestão Escolar, Coordenação Pedagógica, Lideranças do Movimento Quilombola, palestras, alunos, entre outros. Essa iniciativa de Educação Patrimonial se dá pelo êxodo da população em busca de melhores condições de vida, além do falecimento de pessoas adultas, o que deixa a nova geração sem informações sobre sua própria história e, conseqüentemente, sem entendimento de pertencimento.

Palavras-chave: Patrimônio Imaterial; Memória; Festividade de São Benedito; Ensino-aprendizagem; Pertencimento.

ABSTRACT

The aim of this article is to analyze the oral and documentary narratives for the study and knowledge of the intangible heritage present in the São Benedito Quilombo, located in the Vila Moiraba district, on the right bank of the Tocantins River, in Cametá, Pará, based on the São Benedito Festival, which has an admirable religious, cultural and popular relevance. The specific customs and traditions of the community stand out, which in a unique way constitute its identity and sense of belonging. These are historical heritage, cultural assets, crafts and ways of doing things, celebrations, places and forms of expression typical of the territory, which must be studied in order to recognize, value and preserve them locally, in order to avoid irreparable impacts on the quilombo in the future as a result of the constant process of change. Therefore, in order for an object to be recognized as heritage in our locality, it must be studied very carefully, taking into account, among other things, our history, its technical characteristics, its state of conservation, its changes over time, and its cultural importance. In this context, the Traditional Festival of São Benedito stands out as an example of intangible heritage that must be recognized and preserved by the population. This strengthens and identifies our heritage and cultural ties, encouraging participation in all stages of the preservation of existing assets in our communities, in line with the Gracinda Dias Peres School, which is a vehicle for teaching and learning. The school can provide opportunities and reflections on heritage education, highlighting the festival as an intangible heritage, because through education it is possible to tell the story of the festival to the present day, also contributing to the historiography of the quilombo in which the festival is inserted, with the support of the school administration, pedagogical coordination, leaders of the quilombola movement, lectures, students, among others. This Heritage Education initiative is due to the exodus of the population in search of better living conditions, as well as the death of adults, which leaves the new generation without information about their own history and, consequently, without an understanding of belonging.

Keywords: Intangible heritage; memory; São Benedito festival; teaching-learning; belonging.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Imagem do programa da Festividade de São Benedito de 1998, realizada no Quilombo São Benedito, localizado na Vila Moiraba	15
Figura 2 – Distrito de Vila Moiraba e o Quilombo São Benedito	16
Figura 3 – Coroa do Divino Espírito Santo	17
Figura 4 – Sino de bronze	17
Figura 5 – Mariana da Conceição Fiel	19
Figura 6 – Maria das Graças Gonzaga Moraes (Dona Gracinha)	21
Figura 7 – Domingas Lisboa Rodrigues (Dona Filita)	22
Figura 8 – Antigo coreto da Vila Moiraba	22
Figura 9 – Haroldo Lobo de Jesus	23
Figura 10 – Frente da Igreja com o antigo cruzeiro	25
Figura 11 – O antigo cruzeiro sendo substituído pela imagem de São Benedito	25
Figura 12 – Aparelhagem no antigo salão comunitário	27
Figura 13 – Cartaz da festividade do ano de 2023	29
Figura 14 – Imagem do Padroeiro São Benedito	29
Figura 15 – Translado da imagem para a Vila do Carmo	30
Figura 16 – Imagem no interior da Igreja de Nossa Senhora do Carmo	30
Figura 17 – Saída do Círio da Igreja de Nossa Senhora do Carmo	31
Figura 18 – Procissão nas ruas da Vila do Carmo	31
Figura 19 – Chegada da imagem em sua igreja	32
Figura 20 – Fiéis e a imagem do padroeiro	32
Figura 21 – Imagem atual da igreja em processo de reforma	33
Figura 22 – Encontro de parentes e amigos no leilão de oferendas de 2023	33
Figura 23 – Donativos para o leilão de oferendas de 2022	34
Figura 24 – O povo dançando no leilão de oferendas	34
Figura 25 – A banda musical “Só Marcantes” animando o leilão	35
Figura 26 – Encerramento com o tradicional Siriá	35
Figura 27 – Os fiéis devotos dançando o Siriá	35
Figura 28 – Miss Quilombola 2021	37
Figura 29 – Miss Quilombola 2022	37
Figura 30 – Miss e Princesa Quilombola 2023	37
Figura 31 – Grupo de Banguê “Vermelhão”	38

Figura 32 – Mensageiros de Deus “Santa Rosa de Lima”	38
Figura 33 – Ministério de Dança “Essência de Deus”	38
Figura 34 – Comunidade Cristã de Santa Rosa de Lima	39
Figura 35 – Mastro	39
Figura 36 – Banda Sinfônica	39
Figura 37 – Início da celebração da Missa	40
Figura 38 – Sorteio de 10 São Beneditos (promessa)	40
Figura 39 – Ministério de Dança “Art`Vidance São Benedito”	41
Figura 40 – Banner da festividade de 2022	42
Figura 41 – Banner da festividade de 2023	42
Figura 42 – Grupo de mulheres ao redor do mastro	42
Figura 43 – Derrubada do mastro	43

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMARQUISB	Associação dos Moradores e Agricultores Remanescentes do
Quilombo de São Benedito	
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. ENTRE O PASSADO E O PRESENTE: MEMÓRIAS DO FESTEJO RELIGIOSO NO QUILOMBO SÃO BENEDITO.....	14
3. MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NA CONTEMPORANEIDADE DO FESTEJO RELIGIOSO.....	28
4. CONHECER PARA RECONHECER: A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO ENSINO DE HISTÓRIA.....	43
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
FONTES.....	48
REFERÊNCIAS.....	49
APÊNDICES.....	51
APÊNDICE A – Termo de autorização de uso de imagem e depoimento oral.....	51

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo principal utilizar a Festividade de São Benedito como objeto de análise para o reconhecimento do Patrimônio Imaterial existente no Quilombo São Benedito, localizado na Vila Moiraba, à margem direita do Rio Tocantins, entre os distritos de Vila do Carmo e Carapajó. Busca-se demonstrar a importância do conhecimento para o reconhecimento dos bens imateriais e históricos presentes nas práticas festivas de São Benedito.

Nota-se uma significativa dificuldade em relação ao conhecimento do patrimônio imaterial, o que impacta a valorização e preservação da tradicional festa e de sua área adjacente. Essa dificuldade está diretamente relacionada à falta de reconhecimento dos laços identitários, enfraquecidos pelos constantes processos de mudança. A análise será embasada no Guia Básico da Educação Patrimonial.

O Patrimônio Cultural Brasileiro não se resume aos objetos históricos e artísticos, aos monumentos representativos da memória nacional ou aos centros históricos já consagrados e protegidos pelas instituições e Agentes Governamentais. Existem outras formas de expressão cultural que constituem o **patrimônio vivo** da sociedade brasileira: artesanato, maneiras de pescar, caçar, plantar, cultivar e colher, de utilizar plantas como alimentos e remédio, de construir moradias, a culinária, as danças, as músicas, os modos de vestir e falar, os Rituais e Festas Religiosas e populares, as relações sociais e familiares, revelam os múltiplos aspectos que podem assumir a cultura viva e presente de uma comunidade (Horta; Grunberg; Monteiro, 1999, p. 5).

Por que é importante pesquisar esse patrimônio? Porque é fundamental que nosso povo conheça sua cultura e história quilombola, além de fomentar uma educação voltada para a preservação, valorização e divulgação de nossas tradições. Com este artigo, pretende-se analisar fontes orais e documentais e investigar possibilidades de reflexão sobre os diversos fatores que influenciam a comunidade, de modo a promover a conscientização dos remanescentes do Quilombo sobre seu Patrimônio Imaterial, tendo como base a Festa do Padroeiro São Benedito. Essa festividade possui grande relevância para a compreensão da historicidade do território.

No contexto desta pesquisa, destaca-se a Escola Gracinda Dias Peres, localizada dentro do território estudado, que exerce um papel crucial no processo de ensino-aprendizagem. A escola atua como um veículo para promover reflexões sobre educação patrimonial, permitindo que se narre a história do quilombo e a inserção da

festividade até sua fase atual, com o apoio da gestão escolar, da coordenação pedagógica, das lideranças do movimento quilombola local, de palestras, alunos e outros envolvidos.

Dessa forma, será possível perceber a extrema importância da preservação dos aspectos históricos, políticos, sociais, culturais e econômicos da comunidade quilombola, além de fortalecer o ensino de história. A manutenção ou recuperação dessas práticas ressignificará para os moradores do quilombo as representações de seus direitos, em conformidade com a legislação vigente. De acordo com Luciana Martins (2022, p. 324), “trabalhar com educação patrimonial no ensino de história, sobretudo em instituições públicas, é resistir ao sistema imposto e acreditar na possibilidade de transformação por meio da educação”. Por isso, esta pesquisa é essencial, pois apresenta a história de um quilombo que, muitas vezes, é invisibilizada pelo racismo, que está muito presente em nosso território.

Martins (2022, p. 324) também afirma que “a escola, principalmente, de rede pública, carece de investimentos e projetos advindos dos poderes públicos para que seja possível ultrapassar seus muros e visitar espaços culturais ou mesmo explorar o território local”.

Este estudo surge com o propósito de inserir essa temática no ensino de história, destacando a Festividade de São Benedito, de modo a fomentar o conhecimento da comunidade sobre a educação voltada para a construção da memória, da identidade social e do patrimônio imaterial. Pretende-se conscientizar e incentivar a preservação de nossas culturas tradicionais, patrimônios históricos, ofícios, modos de fazer, celebrações, lugares e formas de expressão típicas do território, que ainda são desconhecidos por grande parte dos remanescentes e também por aqueles que não fazem parte da comunidade.

Além disso, propõe-se pensar em uma estratégia educacional que viabilize a preservação e valorização do patrimônio imaterial presente em nosso território, de modo a garantir a continuidade das manifestações tradicionais. Assim, por meio da festividade e do processo de ensino-aprendizagem, busca-se criar soluções coletivas que permitam um ensino voltado para a compreensão e valorização das diversas manifestações culturais, dentro da perspectiva de transformação ou adaptação às realidades locais.

Segundo o dicionário virtual, a palavra “patrimônio” tem origem no latim *patrimonium*, que é a junção das palavras *pater* (pai) e *monium* (recebido). Por isso o termo está historicamente ligado a ideia de herança, ou seja, aquilo que é deixado pelo pai transmitido para filhos”. Com base nisso, este estudo biográfico propõe-se a explorar novas possibilidades de conhecimento sobre o patrimônio imaterial de São Benedito.

A pesquisa visa fomentar a apropriação, manutenção e valorização do Patrimônio Imaterial, promovendo o desenvolvimento e o conhecimento sobre o Quilombo São Benedito,

que possui um vasto acervo histórico, embora ainda desconhecido pelas novas gerações. Nesse sentido, é necessário buscar soluções conjuntas, com sabedoria, para promover o desenvolvimento e a transformação que favoreçam a percepção e compreensão da comunidade, evitando desvios em relação aos objetivos deste trabalho.

De acordo com Hellen Coêlho (2023, p. 16),

o diálogo da Educação Patrimonial e os processos educativos se torna cada vez mais forte em nossa sociedade, uma vez que consideramos a Educação Patrimonial como um meio de preservação cultural e de construção de identidades, com potencial alcance formativo e emancipatório de crianças, jovens e adultos, através dos processos de conscientização, apropriação e valorização da herança cultural e por que não dizer, de contínua produção de cultura, a partir do conhecimento e preservação da história.

A partir deste artigo, espera-se apresentar concepções acerca dos patrimônios pertencentes ao quilombo, considerando ser de suma importância que a comunidade conheça a transcendência patrimonial em nossa localidade, abarcando todos os seus aspectos, sejam eles culturais, materiais, imateriais, históricos, entre outros. Isso se reflete, por exemplo, na exposição dos resultados obtidos no ensino-aprendizagem, anualmente celebrada na tradicional festa de São Benedito. Esse é o momento em que toda a comunidade se reúne para a maior celebração do território, que viabiliza apresentações culturais, superando as dificuldades aqui mencionadas.

Isso se aplica ao conhecimento ou desconhecimento de práticas sociais e artefatos, apropriados ou desapropriados, e também aos problemas e situações para os quais foram criados. Assim, a mediação da escola e o ensino de história podem ser compreendidos como processos de desenvolvimento e aprendizagem humana, visando à incorporação participativa das ações educativas na comunidade, facilitando o entendimento dos mecanismos e procedimentos de preservação do patrimônio imaterial da Festividade de São Benedito. Tal processo busca ampliar o conhecimento sobre a valorização dos bens imateriais, que, sendo herdeiros do passado, trazem contornos culturais de seu tempo para a compreensão do presente.

Além disso, é importante compreender, pelos pressupostos teóricos e metodológicos, o discurso sobre o patrimônio imaterial da Festividade, identificando veículos transmissores que possibilitem a análise dessa questão. “Utilizar os saberes para iniciar o caminho da aprendizagem é usar o objeto real como fonte de informação” (Coêlho, 2023, p. 18). Nesse sentido, é necessário compreender o uso e a importância do funcionamento e dos efeitos dos

termos “patrimônio imaterial”, observando suas definições específicas, organizadas por meio de dicionários virtuais e instituições competentes, como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que nos permite observar esse contexto.

Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modo de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercado, feiras, e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). (...) patrimônio imaterial é transmitido de geração a geração, constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.

Assim como em todas as investigações teóricas, é importante destacar que a Constituição Federal do Brasil de 1988, em seu artigo 216, ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial.

Art. 216. Constituem Patrimônio cultural brasileiros bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referências à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artísticas-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagísticos, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Dessa forma, no contexto discursivo, pode-se investigar como o patrimônio imaterial se insere no âmbito educacional, nos documentos e na historicidade da comunidade quilombola de São Benedito. Esse olhar direcionado para a escola e o território em que está inserida permite torná-los espaços educativos. Os patrimônios culturais presentes na escola e em seu entorno certamente podem contribuir para a transformação do aprendizado na educação básica e para a contextualização da Festividade de São Benedito.

2. ENTRE O PASSADO E O PRESENTE: MEMÓRIAS DO FESTEJO RELIGIOSO NO QUILOMBO SÃO BENEDITO

A Festividade de São Benedito, padroeiro da Vila Moiraba, é um festejo dedicado ao “Santo Preto”, venerado com fervor pelos seus devotos e moradores do quilombo há décadas. Celebrado desde tempos remotos, o evento conta com esplendorosas tradições, como o envio

da imagem do santo padroeiro para outros locais, onde ele encontra os fiéis. Esse festejo transcende o tempo e reforça a visibilidade e a confirmação da existência e resistência dos negros em nossa comunidade, cuja presença se perpetua por gerações. Na **Figura 1**, destaca-se a imagem de São Benedito no encarte da Festividade de 1998, que ajuda a contextualizar o evento de outrora.

Figura 1 – Imagem do programa da Festividade de São Benedito de 1998, realizada no Quilombo São Benedito, localizado na Vila Moiraba.



Fonte: Albino Moraes Pereira (2023).

Baseando-se na oralidade, historicidade local e documentos, destaca-se que o povoado, antes conhecido como “Vila São Benedito”, teve sua origem com a chegada dos irmãos Coronel Izidoro Cotta e João Cotta, donos de engenhos e proprietários de um grande número de escravizados de origem africana. Esses escravizados dedicavam seu trabalho à agricultura de cacau, borracha e outros extrativismos da época. No entanto, segundo José Pompeu (2002), o crescimento do povoado se deu pela influência política do Coronel João Antônio Pinto Cotta, devido à existência de grandes plantações no século XIX, sendo ele o maior proprietário de terras da região. Vale destacar que a elevação à categoria de vila foi registrada pela Lei nº 422, de 16 de maio de 1896, no município de Cametá, Estado do Pará. O Decreto nº 722, de julho de 1896, designou o dia 15 de agosto do mesmo ano como a data de instalação do Distrito de Vila Moiraba. A **Figura 2**, retirada do Google Maps, ajudará na localização geográfica dessa narrativa.

Figura 2 – Distrito de Vila Moiraba e o Quilombo São Benedito.



Fonte: Google Maps (2023).

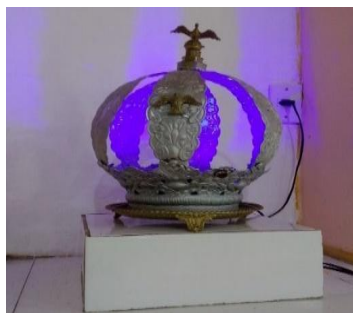
Outro aspecto a ser destacado, com base em narrativas orais e documentais, são os nomes de algumas famílias que, por um lado, foram reconhecidas como fundadoras do povoado, e por outro, representam antigas famílias que merecem menção, como os Moreira e Moraes, entre outras. A partir dessa perspectiva, surgem questionamentos sobre a historicidade local. Entre eles: “De onde vieram essas famílias? Os nativos estariam nesse primeiro contexto quando os padres jesuítas passaram pelo Rio Tocantins?” Essas são reflexões importantes para analisar os pioneiros da povoação. De acordo com Arodinei Sousa (2012, p. 19), “a religião exerce uma função fundamental no direcionamento do modo de vida da população do município, desde a chegada dos primeiros europeus nesta região, no início do século XVII, fruto do processo de colonização e catequização dos nativos (...)”. No território, por exemplo, há conceitos de comunidades que remetem a grupos indígenas e quilombolas, pertencentes ao quilombo, como as comunidades Cabanagem e Aripijó, além de remanescentes de famílias que passaram pelo processo da escravidão. Nessa perspectiva, não se pode afirmar categoricamente que os irmãos Cotta foram os únicos fundadores do lugarejo. Segundo Silvio Silva e Marlene Assunção (2014, p. 9), “em 1624, Frei Cristóvão de Lisboa, depois de ouvir o (...) índio Tomagica, um dos Camutaoaras (...), que lhe fora contar os progressos espirituais de sua tribo, resolveu visitar a povoação do Tocantins”. Assim, é importante ressaltar que, quando os jesuítas passaram pela região no século XVII, muitos lugarejos já eram habitados por nativos.

A narrativa sobre a chegada da imagem de São Benedito em nossa localidade está relacionada às missões dos sacerdotes, que trouxeram, além de outros pertences, a imagem do santo, com aproximadamente 1,20 metro de altura, originária de Portugal. Outros santos, santas e objetos religiosos de grande valor também chegaram, como cálices de ouro, as

imagens de São João e São José revestidas em ouro, um sino de bronze, a Coroa do Divino Espírito Santo, entre outros. Alguns desses itens são bens patrimoniais materiais de grande relevância, muitos dos quais ainda existem atualmente. Um exemplo é o conjunto de dois sinos, um grande e outro pequeno, que se encontram na torre da Igreja de São Benedito. O sino maior está rachado, o que impede a emissão do som original, restando apenas o sino pequeno, utilizado em atos litúrgicos ou para avisos nas áreas próximas à igreja. Os fiéis mais antigos relatam que conseguiam distinguir diferentes tipos de sons emitidos pelos sinos, como os fúnebres, destinados a homens, mulheres e crianças, entre outros. O ofício dos sineiros, que dominavam essas técnicas, não foi repassado às gerações mais jovens, restando apenas as lembranças dos sons nostálgicos.

Outro destaque é a Coroa do Divino Espírito Santo, que, ao longo do tempo, sofreu reduções em sua originalidade devido ao uso. A coroa, que já teve uma riqueza em ouro, prata e safiras, encontra-se hoje guardada no interior da moderna Igreja de São Benedito, apenas com sua bandeja e sua coroa simples. As **Figuras 3 e 4** ajudam a contextualizar e a compreender a importância dos objetos religiosos mais antigos da igreja, que possuem grande relevância para os remanescentes do Quilombo São Benedito e para as futuras gerações.

Figura 3 – Coroa do Divino Espírito Santo.



Fonte: Shirlene Coelho (2022).

Figura 4 – Sino de bronze.



Fonte: Shirlene Coelho (2022).

De acordo com os relatos orais de Haroldo Lobo, Domingas Lisboa, Mariana Fiel, Maria das Graças entre outros, nota-se que, em meados do século XIX, existiam guardiões dos objetos sagrados, pertencentes à Irmandade nos primeiros anos do Brasil Colônia. Esses guardiões faziam rodízios entre as famílias envolvidas diretamente com o festejo, para que pudessem guardar os pertences valiosos em suas residências, já que a igreja, em sua simplicidade, não dispunha de estrutura de segurança suficiente para proteger os objetos religiosos daquele período. Segundo Fernanda Varela e Benedita Pinto (2022, p. 153), “por meio da irmandade, origina-se um rito que congrega o religioso, o profano, o celebrar, o educar, o resistir e o transgredir (...)”. Nesse contexto, percebe-se que a falta de conhecimento quanto aos bens patrimoniais da nossa comunidade resulta na deterioração e desvalorização dos acervos religiosos, que deveriam servir como herança do templo cristão. Para os remanescentes da Irmandade, que vivenciaram o processo de cuidado dos bens patrimoniais, restou a insatisfação por não saberem qual destino foi dado às valiosas peças religiosas, ficando apenas as recordações dos devotos que testemunharam os comportamentos e práticas da festividade em tempos passados. Nessa perspectiva, faz-se necessário conhecer nossa história para preservar nossa memória.

Vale ressaltar que apenas no século XX teve início a organização das Comunidades Eclesiais de Base, ou seja, a “Comunidade Cristã”. Isso se deve ao fato de que a estrutura da Irmandade não possuía legitimidade jurídica, mas era autônoma, sendo a responsável pela organização da festa do padroeiro. Nessa festa, propagava-se a fé cristã por meio das virtudes de São Benedito, cuja imagem permaneceu em Vila Moiraba devido à descendência de escravos negros refugiados da época. Ali, a devoção a São Benedito era expressa com grande fé na igreja, toda revestida em pedra.

De acordo com a narrativa de Mariana da Conceição Fiel (**Figura 5**), em uma entrevista realizada em 12 de agosto de 2022, sobre a festividade, ela afirma que “tinha envolvimento desde pequena na igreja de São Benedito, e na época era chamada de ‘cruzada’. Depois fiz a primeira eucaristia. Os mais velhos foram morrendo, e ainda não era comunidade”¹. Lúcida, Dona Mariana relembra com fervor sua vivência e experiência, guardadas em sua memória, adquiridas durante os festejos de São Benedito.

¹ Informação concedida e autorizada pela moradora do Quilombo São Benedito, Mariana da Conceição, em 12/08/2022, por meio de imagem e relato no trabalho.

Figura 5 – Mariana da Conceição Fiel.



Fonte: Shirlene Coelho (2022).

Dona Mariana, 82 anos, aposentada e moradora do quilombo São Benedito, em Vila Moiraba, entrevistada em agosto de 2022, também confirma que

tinha pessoas que cantavam e comecei a participar como membro da parte musical da igreja que na época era dita como “Irmandade” naquele tempo e depois que passou para comunidade, aí a gente ficou trabalhando sempre na comunidade, depois os jovens tomaram conta, foi que os idosos saíram, não é parece agora que no antigo não era comunidade era irmandade, “Irmandade de São Benedito”. Tinha a mulher branca que era a Maroca Cotta né, ela tomava conta aqui da vila, os serviços que tinha na igreja, qualquer serviço era pra fazer, era ela que comandava, ela saía de porta em porta, que era pouca casa no começo, a rua São Benedito e a Professor Moraes, era só essas duas e a estrada que ia pra Vila do Carmo e ela saía de porta em porta avisando que ia sair, ela era mesmo que a “Rainha” do povo aqui na vila, ela mandava em qualquer um, quer dizer a gente já era... eu não nasci na escravatura, mas ela ainda era da escravatura. Quer dizer que ela ainda nos tinha como escravos, a gente trabalhava pra ela e não ganhava nada só a bóia (comida)².

A narrativa da remanescente Mariana da Conceição Fiel contextualiza um dos primeiros trabalhos vivenciados na festa de São Benedito, fundamentados na estrutura da Irmandade, que passava por um período de libertação das opressões impostas pelos seus opressores. Mesmo após a abolição da escravatura, ainda persistiam práticas semelhantes aos moldes escravocratas. Isso se reflete na liderança de uma senhora branca, dona de vários terrenos e plantações, que celebrava o santo negro. Nessa perspectiva, Cida Bento (2022, p. 15) afirma que:

falar sobre a herança escravocrata que vem sendo transmitida através do tempo, mas silenciada, pode auxiliar as novas gerações a reconhecer o que herdaram naquilo que vivem na atualidade, debater e resolver o que ficou do

² Informação concedida e autorizada pela moradora do Quilombo São Benedito, Mariana da Conceição, em 12/08/2022, por meio de imagem e relato no trabalho.

passado, para então construir uma outra história e avançar para outros pactos civilizatórios.

Segundo os relatos orais vivenciados pelos fiéis devotos de São Benedito no passado, destaca-se o senhor Manoel Evangelista, que possui extrema importância para a história local, por sua dedicação aos trabalhos religiosos que antecederiam a festividade. Nas memórias coletivas dos fiéis remanescentes, recorda-se com nostalgia toda a trajetória de missão evangelizadora do “Evangelista”, desde suas saídas até seus retornos ao lugarejo. Enfatiza-se a fidelidade do devoto, que saía em sua canoa, à remo e à vela, com aproximadamente seis metros de comprimento, com a missão de levar a imagem de São Benedito em peregrinação às ilhas vizinhas. Dentre elas, destacam-se Mendaruçu, Jurubatuba, Marinteua, Furtado, entre outras, com o objetivo de proporcionar o encontro dos fiéis com seu santo de devoção.

Era recebido com muita alegria e gratidão pelas famílias. Haja vista que, naquele período, somente São Benedito era venerado com grandiosidade em toda a região. Em seu trajeto pelas águas do Rio Tocantins, o percurso levava de três a quatro meses, e, ao retornar, trazia consigo muitas doações oferecidas pelos fiéis, como patos, galinhas, porcos, dinheiro, cacau, entre outros, que seriam leiloados no famoso leilão de oferendas da festividade.

Sem vestígios tecnológicos, a forma de comunicar o retorno ao lugarejo festivo era através de foguetes, lançados nas ilhas para que os fiéis da Vila Moiraba pudessem ouvir e, conseqüentemente, recebê-los, ajudando no descarregamento das doações feitas pelas famílias. Outro aspecto importante dessa narrativa é o destaque ao papel das mulheres daquele período, que foram as pioneiras no reconhecimento do som dos foguetes, símbolo do retorno de São Benedito de sua peregrinação. Elas se organizavam para recebê-lo com danças, cantos e louvores ao santo, transformando a ocasião em uma verdadeira festa de alegria entre os devotos.

Segundo o relato de Maria das Graças Gonzaga Moraes (**Figura 6**), conhecida como Dona Gracinha, em uma entrevista realizada em 17 de janeiro de 2023, ela confirma que “era muito bonito... a gente se reunia... quando ele já tava se aproximando, aí, com o ‘casco’ cheio... a gente começava a bater palmas e jogava pistola... Viva São Benedito!”³. Relatos fervorosos e inspiradores de uma fiel devota de São Benedito.

³ Informação concedida e autorizada pela moradora do Quilombo São Benedito, Maria das Graças Gonzaga Moraes, em 17/01/2023, por meio de imagem e relato no trabalho.

Figura 6 – Maria das Graças Gonzaga Moraes (Dona Gracinha).



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Dona Gracinha, 76 anos, aposentada e moradora do quilombo São Benedito, na Vila Moiraba, na entrevista realizada em janeiro de 2023, compartilhou um trecho enriquecedor sobre os momentos de preparação para a festividade. Alegrementemente, ela cantou um trecho da música que costumava entoar para recepcionar São Benedito, em uma singela homenagem: “Glorioso São Benedito, padroeiro das multidões, nossas bondades é relíquias para os nossos corações, nossas bondades é relíquias em nossos corações”⁴. Em suas falas, percebe-se a nostalgia ao relembrar cânticos antigos, ressaltando a importância de aprender essas canções durante as peregrinações para que todos possam acompanhá-las no dia da festa do padroeiro, junto ao ministério de música. Ela afirma que

a festa de São Benedito ele têm os cantos dele assim antigos, que quando chega naquele momento, eu achava assim, que deveriam tirar, que quando chegasse no final pra todos acompanhar. Porque agora tem muitos cantos que a gente não acompanha porque a gente não sabe né!⁵.

No entanto, as narrativas de Domingas Lisboa Rodrigues (**Figura 7**), conhecida como Dona Filita, em entrevista realizada no dia 24 de fevereiro de 2023, afirmam que “quando era a ‘primeira’ festa de São Benedito... festejava, tinha muita gente ali na frente da Igreja de São Benedito, tinha um negócio que tocava lá em cima, como é? Coreto, tudo de ferro, folha de franja, bonito feito na frente da Igreja”⁶. Esse relato nos remete à existência de possíveis coretos de ferro do século XIX e início do século XX, com indícios de importações europeias

⁴ Informação concedida e autorizada pela moradora do Quilombo São Benedito, Maria das Graças Gonzaga Moraes, em 17/01/2023, por meio de imagem e relato no trabalho.

⁵ Informação concedida e autorizada pela moradora do Quilombo São Benedito, Maria das Graças Gonzaga Moraes, em 17/01/2023, por meio de imagem e relato no trabalho.

⁶ Informação concedida e autorizada pela moradora do Quilombo São Benedito, Domingas Lisboa Rodrigues, em 24/02/2023, por meio de imagem e relato no trabalho.

em nosso território, decorrentes da prosperidade do ciclo da borracha. Na **figura 8**, destaca-se um dos mais antigos coretos de outrora, que a autora teve o privilégio de visualizar como resquício desse patrimônio material de nossa localidade.

Figura 7 – Domingas Lisboa Rodrigues (Dona Filita).



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Figura 8 – Antigo coreto da Vila Moiraba.



Fonte: Francisco Lira Sobrinho Neto (2023).

Dona Filita, 82 anos, aposentada, moradora do quilombo, em entrevista realizada em 24 de fevereiro de 2023, confirma que

na frente da igreja era cheio de... abieiros, esse jucá, umas árvores bonitas que chegava a ser lisas, todo mundo ficava embaixo das árvores, no tempo da festa, crianças brincando, não tinha maldade, era muito bonito a festa, não tinha luz, era iluminada por lamparina e lanterna, na igreja era alumado por velas, lampião essas coisas⁷.

Com base nas pesquisas a partir dessa concepção, sabe-se que, após o falecimento da líder do lugarejo, relatada como a “senhora branca”, os presidentes da festa passaram a ser escolhidos pelos próprios moradores. Domingas Lisboa Rodrigues afirma que “na época em

⁷ Informação concedida e autorizada pela moradora do Quilombo São Benedito, Domingas Lisboa Rodrigues, em 24/02/2023, por meio de imagem e relato no trabalho.

que eu me entendi... a festa era assim: deram pro seu Rico Pereira lá do... Furtado. Ele fez a festa por quatro anos... uma festa tão bonita”⁸. São lembranças de quem teve a oportunidade de vivenciar um marco histórico em meados do século XX, enfatizando os trabalhos religiosos de Rico Pereira, que foi um dos pioneiros na inclusão das “rainhas da festa”, um modelo de festa que viabilizava os custeios das despesas religiosas. Ao término da missa, os fiéis se dirigiam ao barracão, sempre muito bem “vestidos”, termo utilizado para as pessoas que usavam roupas novas no estilo social, ou seja, “com vestes apropriadas para a ocasião”. Nesse contexto, destacam-se os saudosos alfaiates Vicente Gular e Godofredo, *in memoriam*, pois muitas roupas eram confeccionadas por eles e pelos próprios moradores. O leilão de oferendas era prestigiado por pessoas que haviam ofertado durante as peregrinações, para serem leiloados na festa.

Segundo a narrativa de Haroldo Lobo de Jesus (**Figura 9**), em entrevista realizada em 27 de março de 2022, ele afirma que “na cozinha a comida era de graça, ofertada por alguém que fazia promessa”⁹. Percebe-se em seu relato algumas lembranças dos trabalhos religiosos dos fiéis devotos, realizados no estilo de doação, além de destacar momentos da peregrinação do “Santo Preto” em outras localidades.

Figura 9 – Haroldo Lobo de Jesus.



Fonte: Haroldo Lobo de Jesus (2022).

Nesse contexto, as ocupações religiosas, assim como os fiéis peregrinos, continuavam suas missões, motivados pela fé e devoção ao santo padroeiro. Seu Haroldo, 61 anos, presidente do Quilombo São Benedito, suboficial aposentado da Aeronáutica, e morador do quilombo, em entrevista realizada em 27 de março de 2022, confirma que

⁸ Informação concedida e autorizada pela moradora do Quilombo São Benedito, Domingas Lisboa Rodrigues, em 24/02/2023, por meio de imagem e relato no trabalho.

⁹ Informação concedida e autorizada pelo morador do Quilombo São Benedito, Haroldo Lobo de Jesus, em 27/03/2022, por meio de imagem e relato no trabalho.

os peregrinos eram sempre recebidos com festa e com a presença da ladainha cantada, feita pelos homens, com o mesmo propósito, de arrecadar donativos para a grande festa que aconteceria no mês de novembro, eram muitos serimbabos. Muitos eram usados para alimentação das pessoas que vinham de outros lugares no dia da festividade, e tudo que fazia parte das colheitas dos lavradores, uma forma de agradecimento pela graça recebida e de uma boa colheita. Seu Lauro passou a levar seu afilhado o jovem Benedito Fiel, que com a morte de seu Lauro passou a fazer as visitas, (...) ao passar do tempo as pessoas não queriam, mas fazer esse trabalho, se não houvesse algum tipo de pagamento pois os anteriores faziam como voluntários e devoção ao santo¹⁰.

Nessa perspectiva, as narrativas apresentadas neste trabalho ressaltam os conjuntos de bens patrimoniais históricos, culturais, sociais, materiais e imateriais, entre outros, que, ao longo dos ciclos festivos, foram se perdendo, sendo retirados e até mesmo esquecidos em suas tradições, devido ao desconhecimento dos patrimônios existentes em nosso território, bem como sua preservação em consonância com a contemporaneidade. Dessa forma, somos instigados a breves questionamentos, como: Por que tiraram o cruzeiro? A comunidade religiosa permitiu? Isso nos remete à exclusão de bens patrimoniais para serem substituídos por modelos contemporâneos, esquecendo-se dos nossos laços identitários, levando-nos a um falso pertencimento, ou seja, caímos na ilusão de um passado de sofrimentos e remontamos um cenário da contemporaneidade conhecido apenas pela nova geração, desfavorecendo-a do conhecimento histórico de nossa comunidade.

Nesse sentido, ressalta-se como exemplo de patrimônio material de Vila Moiraba o “antigo cruzeiro”, que ficava em frente à igreja de São Benedito, como símbolo das Santas Missões, e que foi retirado para o avanço do que chamamos de modernidade, em prol da construção da praça que existe atualmente em frente à igreja. Isso nos faz pensar que seria importante um acordo com consulta prévia à comunidade antes da substituição ou retirada do patrimônio. Faz-se necessário também a analogia entre as ilustrações do passado e do presente, para que se tenha uma percepção mais clara acerca dessas narrativas (**figuras 10 e 11**).

¹⁰ Informação concedida e autorizada pelo morador do Quilombo São Benedito, Haroldo Lobo de Jesus, em 27/03/2022, por meio de imagem e relato no trabalho.

Figura 10 – Frente da Igreja com o antigo cruzeiro.



Fonte: Francisco Lira Sobrinho Neto (2023).

Figura 11 – O antigo cruzeiro sendo substituído pela imagem de São Benedito.



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

É imprescindível enfatizar que as mudanças sempre existirão e serão bem-vindas, desde que não se perca a essência da nossa identidade. Faz-se necessário esse resgate para que a nova geração tenha conhecimento dos patrimônios que estão sendo substituídos e, conseqüentemente, sejam incentivadores da preservação ou adaptações do patrimônio, vitalizando a essência da nossa ancestralidade. Haja vista que, com a substituição do cruzeiro pela imagem de São Benedito, alguns fiéis devotos daquela época sentiram uma perda épica e de relevância histórica, vivenciada pelo povo, que precisa ser rememorada com a finalidade de manter viva a Festividade de São Benedito na memória dos moradores do quilombo e de seus fiéis. Esse patrimônio material foi de grande relevância no contexto religioso e sua simbologia remete às santas Missões. Sendo assim, faz-se necessário esse resgate para que as próximas gerações tenham conhecimento e, conseqüentemente, assegurem viva a historicidade nas lembranças dos fiéis, bem como os bens patrimoniais em nosso território. Como afirma Haroldo Lobo de Jesus, nesta narrativa,

lembro ainda dos festejos na igreja de madeira e tinha um cruzeiro grande aonde as pessoas acendiam suas velas e faziam suas preces, como não havia

energia elétrica, tinha um motor a diesel que funcionava até às 9 horas, então depois da ladainha a gente ia para o salão, era um salão de madeira com o palco que ficava com fundos para a rua Professor Moraes, os bancos eram posicionados nas laterais e lá eram servido sempre o que os mordomos noitários ofereciam para os presentes sempre o que era produzido na comunidade, não tenho como esquecer desse barracão porque tenho até hoje uma cicatriz na testa, ao cair pulando quando estavam construindo, não podia deixar de citar os mestres deste salão os saudosos mestre Santinho Lira e o mestre General. Sempre na primeira noite, havia festa dançante e tinha 3 salões de festa, o salão do santo, a casa do seu canguito e o barracão do bizonga, todos com músicas ao vivo na época Jazz e orquestras, o mais tradicional era o internacional, com músicos do próprio lugar, cito: seu Donzinho, Godofredo, Darlindo Pinto, Camundá, dentre outros¹¹.

No século XIX, segundo os relatos de Mariana Fiel, Catarina Moreira, Haroldo Lobo, entre outros, as missas eram realizadas uma vez por ano, por não haver padres em quantidade suficiente. Segundo Silvio Silva e Marlene Assunção (2014, p. 66), “ (...) pois, em 1655, deram lugar aos padres jesuítas. (...) A partir de então, por mais de um século e meio, a região passou a ser visitada (...), poucas vezes, ao ano (...)”. A festa de São Benedito era a mais conhecida e vivenciada por todos. Haja vista que, em nosso território, havia outras celebrações que, entre 1850 e 1950, eram celebradas fervorosamente pelos senhores daquele período. Baseavam-se nos ciclos do ano litúrgico, tais como o ciclo natalino, pascal, pentecostal e junino, além das festas do Divino Espírito Santo, Coração de Jesus, entre outras. Ao tempo dos fundadores do lugarejo, celebravam-se os santos brancos, mas, conforme passavam-se os ciclos e os falecimentos dos “donos” da localidade, prevalecia o culto ao “Santo Preto”. Segundo as narrativas, os fiéis recordam em suas reminiscências que, nesse contexto festivo, participavam de “pastorinhas” e dramatizavam o nascimento de Jesus, em práticas perpetuadas por muitos anos e que, com o tempo, foram esquecidas na história. É importante destacar que alguns desses festejos ainda permanecem em nosso território, embora não com o vigor do passado. Um exemplo é o “Tradicional Mastro”, inserido na Festividade de São Benedito em 2007, que, ao longo dos anos, ganhou grandes proporções, passando por várias modificações acerca de sua “legitimidade”, embora ainda seja vivenciado com fervor e alegria pelos antigos e devotos. No século XIX, era parte da celebração da festa do Divino Espírito Santo e migrou para a Festividade de São Benedito, vivenciada de forma oposta ao festejo do passado, deixando para os antigos fiéis apenas sentimentos nostálgicos dos tempos vividos.

¹¹ Informação concedida e autorizada pelo morador do Quilombo São Benedito, Haroldo Lobo de Jesus, em 27/03/2022, por meio de imagem e relato no trabalho.

Nessa perspectiva, ressaltam-se momentos importantes entre as décadas de 1970 e 1980, quando várias aparelhagens faziam a cobertura da Festividade de São Benedito. Entre elas, destacam-se: Ferreira Santos, Peixoto, Imperador, Nossa Senhora do Carmo, Intercyte e Novo Horizonte. Além disso, grupos musicais como a Jazz Orquestra Azes do Ritmo, Banda Aliança, Banda Caferana, Banda Som Livre, Banda Pura Arte, Jóia Rara, Fest Show, entre outros, marcaram presença. A **figura 12** contextualiza a narrativa mencionada acima, permitindo que os remanescentes e outros moradores possam conceber e compreender os momentos tradicionais que envolviam a cobertura de um dos festejos do passado.

Figura 12 – Aparelhagem no antigo salão comunitário.



Fonte: Francisco Lira Sobrinho Neto (2023).

É de suma importância enfatizar, segundo as narrativas orais, os sentimentos melancólicos e as lembranças enriquecedoras dos fiéis sobre a festividade. Uma das mudanças consideráveis no festejo foi o deslocamento da data da festa, que passou a ser celebrada no segundo sábado de novembro, para favorecer a vinda dos filhos e amigos da comunidade que moravam fora do território e, assim, pudessem participar do ato festivo. Os fiéis se organizavam para estar presentes, e barcos de vários estilos e lugares chegavam, sendo recepcionados com alegria pelos moradores que os aguardavam à margem do rio para lhes dar as boas-vindas à festa do padroeiro São Benedito, que contextualiza a trajetória de vida da autora.

Nesse cenário, as narrativas enfatizam um passado no qual não havia preocupação com a arrecadação de valores, mas sim com o prazer de receber as pessoas. As comidas eram distribuídas em abundância aos fiéis, e as casas ficavam cheias de parentes e amigos, em um admirável encontro de confraternização. No entanto, o ponto mais importante das festas dos padroeiros era o ato religioso, com destaque para a missa, que se iniciava às 8h. A maioria das pessoas vestia-se de branco, e as mulheres usavam véus. A celebração era acompanhada por

um coral, comandado por uma senhora conhecida como Neném Cotta, que era flautista. Ao término do ato litúrgico, havia a apresentação da banda no coreto e, no arraial, vendiam-se doces, pães de tapioca, e realizava-se a tradicional brincadeira do balanço na barquinha.

Essas são memórias de um povo que teve a oportunidade de vivenciar as riquezas tradicionais e culturais do passado, em face dos bens existentes. De acordo com Alini Oliveira e Maria Calvente (2012, p. 85), “tais práticas refletem satisfação em ver o ‘Santo Preto’. Assim a festa, além de ser uma liberação momentânea, também apresenta um caráter ideológico (...)”. Observa-se nesse ato festivo a presença de práticas comuns que remontam ao período colonial e, ao mesmo tempo, atos similares presentes nos festejos de padroeiros do interior, reafirmando a importância da valorização do patrimônio.

Luciana Martins (2022, p. 321) afirma que “quando se menciona o termo patrimônio, a primeira referência que se associa é de permanência do passado, da necessidade de resguardar algo significativo no que diz respeito as identidades, que possa ser evocado e não caia no esquecimento”.

3. MUDANÇAS E PERMANÊNCIAS NA CONTEMPORANEIDADE DO FESTEJO RELIGIOSO

Em meados do século XX, de acordo com o programa festivo do ano de 1999, no dia 12 de outubro de 1969, deu-se início à organização da comunidade como Comunidade Cristã, presidida pelo padre Guilherme. Na ocasião, foram eleitos senhores para os cargos de presidente e vice-presidente, incumbidos da organização do ato festivo. Na contemporaneidade, o planejamento da festa de São Benedito é conduzido conforme o que é designado pelo conselho comunitário, que conta com os seguintes administradores: 1º e 2º coordenadores, secretários, tesoureiros, entre outros. Anualmente, são elaborados e confeccionados programas do Padroeiro, distribuídos aos fiéis, como colaboradores, patrocinadores, mordomos, entre outros, com o intuito de apresentar a programação religiosa da festividade. O programa destaca os objetivos da festa, que geralmente estão relacionados aos trabalhos da igreja, como reformas, missões evangelizadoras, aspectos culturais e históricos do santo padroeiro, além de seus feitos. Nas **figuras 13 e 14**, temos o cartaz do programa da festividade de 2023, que ressalta a campanha de reforma da fachada da igreja, juntamente com a imagem de São Benedito, contribuindo para essa narrativa.

Figura 13 – Cartaz da festividade do ano de 2023.



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Figura 14 – Imagem do Padroeiro São Benedito.



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Essas práticas nos remetem a possíveis questionamentos, como: por que tantas mudanças ocorreram na igreja ao longo dos anos? Se por um lado vemos, nos semblantes dos fiéis, contentamento pelas mudanças, por outro, há descontentamento, pois, para muitos, as mudanças simbolizam avanços, enquanto para outros representam a perda de patrimônios materiais e imateriais, especialmente no que diz respeito à nossa identidade. Nesse contexto, é necessário explicar aos fiéis os benefícios ocasionados por essas modificações, preservando, ao mesmo tempo, os laços identitários em conformidade com a importância do conhecimento e do reconhecimento dos bens patrimoniais presentes na festividade.

O programa, por exemplo, é uma forma de os fiéis acompanharem as programações litúrgicas, bem como suas responsabilidades e contribuições relativas à Festividade de São Benedito. Alguns devotos fixam o programa em suas paredes, enquanto outros colecionam, como é o caso do Ministro da Comunhão, morador da Ilha de Moiraba, Cametá-Pará, Albino Moraes Pereira, que contribui para o enriquecimento historiográfico dessas narrativas. Além disso, sabe-se que alguns aspectos físicos do festejo sofreram influências e mudanças que

merecem destaque, como a organização coletiva para a limpeza do arraial, que incluía vendedores, idosos, jovens, crianças e outros, que ajudavam na limpeza das áreas ao redor da igreja e construíam seus botequins de palha e miriti para as vendas, sem cobrança de espaço. Na contemporaneidade, cobra-se pelo espaço destinado aos vendedores, com o intuito de arrecadar recursos para a festividade. Contudo, essa cobrança gera a reflexão de que não deveria haver taxa, pois os próprios vendedores são colaboradores da festividade, e, acima de tudo, o festejo ocorre em um território quilombola, onde prezamos pela coletividade. Ou seja, não se paga por um espaço que pertence a todos. “Por essa razão, percebe-se a festividade de padroeiro como um espaço de convivência social, culto ao santo protetor e de ganho econômico, onde as pessoas de alguma forma, ou por algum interesse, aguardam e participam da festividade (...)” (Sousa, 2012, p. 27).

No contexto do festejo, de forma fragmentada e adaptada, a descrição da festividade contemporânea do Santo Padroeiro se dá pela continuidade da transladação, que marca o início do evento, com a condução da imagem de São Benedito para a igreja de Nossa Senhora do Carmo, na localidade vizinha de Vila do Carmo, conduzida pelos fiéis. O santo permanece três dias na comunidade receptora para os preparativos do início da festividade, que inclui a novena e o terço, como enfatizado nas **figuras 15 e 16**.

Figura 15 – Translado da imagem para a Vila do Carmo.



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Figura 16 – Imagem no interior da Igreja de Nossa Senhora do Carmo.



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Percebe-se, em meio às transformações contemporâneas, a padronização das vestimentas dos guardas que protegem o santo durante seu deslocamento para a comunidade vizinha, bem como a receptividade dos fiéis para as orações que antecedem o alvorecer do festejo, marcadas pelo badalar dos sinos, destacando-se o uso exclusivo do sino menor remanescente da igreja, que ressoa durante os dias da festividade, simbolizando os preparativos para a tradicional alvorada, entre outros rituais. Além disso, mantém-se a distribuição dos tradicionais chocolates com farinha de tapioca, mingau de milho, entre outros. Nas **figuras 17 e 18**, ressalta-se o modelo da procissão contemporânea.

Figura 17 – Saída do Círio da Igreja de Nossa Senhora do Carmo.



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Figura 18 – Procissão nas ruas da Vila do Carmo.



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Nesse contexto, percebe-se que, com os avanços tecnológicos, o cenário das procissões é elevado a novas proporções, moldado por protótipos de seguimentos modernos, porém sempre em consonância com alguns resquícios do modelo de outrora, como: a reunião do povo para o grandioso Círio, as saídas da Igreja de Nossa Senhora do Carmo para o percurso nas ruas e estradas que conectam as vilas vizinhas, os fiéis conduzindo a imagem, caminhando, cantando, rezando, geralmente acompanhados por bandas marciais. Ademais, há o auxílio de carretinhas de som que enobrecem o Círio, culminando em sua chegada majestosa à igreja festiva, como mostram as **figuras 19 e 20**.

Figura 19 – Chegada da imagem em sua igreja.



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Figura 20 – Fiéis e a imagem do padroeiro.



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Nessa perspectiva, é fundamental que os bens existentes em nosso quilombo sejam preservados, seja por meio de restauros ou da manutenção de suas características. Os relatos presentes neste trabalho ressaltam a importância do conhecimento para o reconhecimento do patrimônio imaterial presente na Festividade de São Benedito, destacando que seus traços tradicionais estão se modificando conforme a conjuntura. Entre as mudanças, ressaltam-se panoramas e alterações na igreja ocasionadas pelas modernizações e pela inclusão do projeto atual, em uma perspectiva de transformação, para que fiéis e moradores visualizem a importância de conhecer para reconhecer o patrimônio da comunidade. Essas transformações relacionam-se tanto aos bens materiais que foram substituídos quanto aos bens imateriais das celebrações religiosas da festividade de São Benedito, como ilustrado na **figura 21**.

Figura 21 – Imagem atual da igreja em processo de reforma.



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Com base nas pesquisas e nas experiências da autora, observa-se, ao longo dos ciclos festivos, mudanças significativas nas programações, que merecem destaque. Entre elas, estão as vendas de comidas típicas acompanhadas de bebidas como sucos e refrigerantes, sem o consumo de bebidas alcoólicas, além da animação do leilão, que por muitas décadas contava com fiéis leiloeiros, como Nicanor, José Barroso, Manoel Arnoud, Nestor de Oliveira, entre outros. Esses leiloeiros, por muitos anos, tiveram seus nomes em destaque nos programas oficiais da Festividade de São Benedito e, atualmente, estão afastados por limitações, idade ou particularidades, o que permitiu que outros leiloeiros ocupassem esse espaço na contemporaneidade. Nas **figuras 22 e 23**, são destacados momentos que contextualizam, de forma sucinta, o leilão de oferendas, assim como os donativos feitos pelos fiéis para serem leiloados durante o ato festivo.

Figura 22 – Encontro de parentes e amigos no leilão de oferendas de 2023.



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Figura 23 – Donativos para o leilão de oferendas de 2022.



Fonte: Shirlene Coelho (2022).

Observa-se que essas práticas se assemelham ao festejo de outrora, uma vez que as comemorações ainda mesclam, de forma discreta, o profano e o religioso. Isso é evidente nos momentos religiosos nas igrejas, mas também nos salões sociais, onde as grandes aparelhagens atuais tocam músicas mundanas e dançantes. Além disso, durante os intervalos do bingão e do leilão, que ocorrem nos encerramentos das festividades, bem como no encerramento do tradicional Siriá e no deslocamento final do santo em procissão pelas ruas da comunidade até seu retorno à igreja matriz, dá-se por concluída a programação religiosa do ano vigente. As **figuras 24, 25, 26 e 27** ilustram essa narrativa.

Figura 24 – O povo dançando no leilão de oferendas.



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Figura 25 – A banda musical “Só Marcantes” animando o leilão.



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Figura 26 – Encerramento com o tradicional Siriá.



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Figura 27 – Os fiéis devotos dançando o Siriá.



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Nesse paradigma religioso, em meados do ano de 2008, destaca-se a implementação da “Prelazia de Cametá” ao estabelecer a lei de proibição da comercialização de bebidas alcoólicas nos centros comunitários, impactando várias comunidades eclesiais cristãs, inclusive a comunidade festiva. Isso ocorreu por romper com a tradição e cultura do povo, que não concordava com tais proibições, considerando que os centros comunitários haviam sido construídos com dedicação pela população local. Alguns entrevistados ressaltaram que os moradores não tiveram o direito de se manifestar em assembleia geral com a comunidade, visto que a decisão já havia sido tomada por duas ou três pessoas. Os fiéis indagavam-se sobre

o porquê da decisão da arquidiocese, considerando que foram os próprios moradores que dedicaram anos à construção e aos trabalhos comunitários. Embora a construção tenha sido realizada pelos próprios fiéis, atualmente há um modelo de festividade adotado por todas as paróquias, com os mesmos propósitos de integração. Para Silvio Silva e Marlene Assunção (2014), isso representa um incentivo iluminado por Deus, pois, onde se prega paz e a confraternização entre os trabalhos missionários, nas festividades de seus respectivos “padroeiros”, não se deve incentivar o comércio de bebidas alcoólicas, uma vez que isso pode levar à violência e ao consumo de drogas.

Nesse contexto, com a retirada do consumo de bebidas alcoólicas dos espaços religiosos, novas metodologias foram criadas para serem inseridas nas programações festivas, a fim de evitar a dispersão do povo. Dentre essas metodologias, destacam-se apresentações de grupos culturais, concursos de dança, desfiles, bingos, entre outros, com o intuito de arrecadar recursos para as manutenções missionárias. A criação do “Bingão” nas festividades foi essencial para o equilíbrio financeiro da festa, considerando a concorrência de diversos prêmios valiosos patrocinados pelas famílias devotas do santo. Outro fator importante, de acordo com as fontes do programa da festividade que são confeccionados anualmente, foi que, no ano de 2013, a localidade se tornou uma comunidade quilombola, conforme a historicidade local. Isso teve como idealizadores o professor aposentado pela Universidade Federal do Pará, Raimundo Garcia Cota (PhD), o sargento aposentado Jorge Louzada (*in memoriam*) e o suboficial aposentado Haroldo Lobo de Jesus, que foi eleito o primeiro presidente da Associação de Moradores e Agricultores Remanescentes de Quilombo São Benedito (AMARQUISB). Um dos objetivos dessa associação era inserir nas festividades de São Benedito as noites culturais, incentivando o resgate de culturas esquecidas, valorizando a beleza e despertando dons adormecidos nos remanescentes, para que pudessem realizar apresentações que trouxessem alegria e expressões culturais.

Nessa perspectiva, por meio da AMARQUISB, foi inserida na programação cultural a “Noite Cultural Quilombola”, realizada na véspera da festa, com o desfile do concurso “Miss Quilombola”, em que as concorrentes eram avaliadas em quesitos como desfile, características, simpatia, traje e, principalmente, sua identidade quilombola. Também foi dedicada uma noite à culinária regional típica do território. As **figuras 28, 29 e 30** destacam a valorização da beleza negra e das riquezas culturais do território quilombola de São Benedito, em momentos especiais como o concurso de “Miss Quilombola São Benedito”, que se mantém até os dias atuais. Em 2023, foi inserida pela AMARQUISB a modalidade de “Princesa Quilombola 2023”, que enfatiza a valorização das mulheres mais velhas da

comunidade quilombola, com o objetivo de promover o reconhecimento das mulheres na nossa historicidade.

Figura 28 – Miss Quilombola 2021.



Fonte: Shirlene Coelho (2021).

Figura 29 – Miss Quilombola 2022.



Fonte: Shirlene Coelho (2022).

Figura 30 – Miss e Princesa Quilombola 2023.



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Nota-se, ao longo dos ciclos festivos, o envolvimento de vários grupos culturais nas noites culturais das festividades do quilombo. Entre eles, destacam-se o Banguê “Vermelhão”, os Mensageiros de Deus de “Santa Rosa de Lima”, danças regionais e outros grupos culturais, que fazem parte das animações no salão social da igreja. As **figuras 31, 32 e 33** mostram os grupos culturais pertencentes ao quilombo, permitindo seu reconhecimento e, conseqüentemente, a valorização dessas narrativas.

Figura 31 – Grupo de Banguê “Vermelhão”.



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Figura 32 – Mensageiros de Deus “Santa Rosa de Lima”.



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Figura 33 – Ministério de dança. (Essência de Deus).



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

No ano de 2023, com o intuito de implementar novas mudanças festivas, destacou-se o “Mastro”, que foi realizado em união com a procissão de velas, na “Alvorada”, pela Comunidade Cristã de Santa Rosa de Lima. A responsabilidade foi atribuída aos coordenadores dessa comunidade, com o intuito de promover um início de festividade mais religioso e espiritual, permitindo que idosos, crianças e demais devotos participassem e se sentissem seguros na caminhada, sem o consumo de bebidas alcoólicas e vandalismo, como em anos anteriores. As **figuras 34, 35 e 36** ilustram como essa mudança contribuiu para que os moradores do quilombo e demais devotos compreendessem a importância de se preservar alguns atos religiosos.

Figura 34 – Comunidade Cristã de Santa Rosa de Lima.



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Figura 35 – Mastro.



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Figura 36 – Banda Sinfônica.



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Nessa perspectiva, a festividade de São Benedito reúne, nos dias atuais, inúmeras pessoas, entre elas devotos, fiéis, simpatizantes e outros que se dedicam com fervor ao ato festivo, seja nas noites de novenários, em comunidades eclesiais, tanto de dentro quanto de fora do território. Entre as comunidades destacam-se: Santa Rosa de Lima, Divino Espírito Santo, Nossa Senhora de Nazaré, Perpétuo Socorro e Nossa Senhora do Carmo, que celebram a palavra do Senhor, compartilhando suas experiências religiosas conforme seus respectivos trabalhos. Ao término de cada celebração, os fiéis são direcionados para a área social do salão comunitário, onde são apresentados diversos grupos culturais.

A missa continua sendo o ato mais solene e esperado pelos fiéis devotos do Padroeiro São Benedito. É o momento em que o povo se reúne em agradecimento a Deus pelas graças alcançadas por intercessão de São Benedito, renovando suas promessas a cada ciclo. O “Santo Preto” possui, em seus registros, relatos de milagres surpreendentes, narrados anualmente

como testemunhos na celebração religiosa pelos fiéis, que compartilham suas graças alcançadas com a assembleia presente. Trata-se de um momento de conversão espiritual para o povo católico, com novas inspirações no contexto litúrgico. De acordo com as narrativas orais de Janaina Campos, o conselho comunitário da Comunidade Cristã de São Benedito dedica-se à organização dos eventos, visando proporcionar aos fiéis elementos complementares que facilitem o entendimento dos ritos litúrgicos, como a acolhida do padroeiro, a procissão de entrada, a entronização da Palavra, o ofertório, a ação de graças, entre outros, que mobilizam os fiéis a serem participativos na missa. As **figuras 37, 38 e 39** contextualizam de forma sucinta essa narrativa.

Figura 37 – Início da celebração da Missa.



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Figura 38 – Sorteio de 10 São Beneditos (promessa).



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Figura 39 – Ministério de Dança “Art`Vidance São Benedito”.



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Na recuperação dos relatos orais dos fiéis devotos do “Santo Preto”, percebe-se claramente as ressignificações que os moradores fazem a cada mudança ou transformação da festividade. Todavia, inúmeros momentos permanecem silenciados, gerando nostalgia entre os frequentadores assíduos e fiéis da festa tradicional. A cada ano, surgem novas mudanças, projetos e perspectivas. Para muitos, a modernidade foi e continua sendo bem-vinda; para outros, as mudanças são aceitáveis, desde que os bens patrimoniais do território, especialmente aqueles ligados à igreja e à festividade, sejam preservados. Com o avanço tecnológico, os meios de comunicação auxiliam na visibilidade e acessibilidade, permitindo a participação dos fiéis, tanto os que estão longe quanto os que estão perto da localidade festiva. As redes sociais possibilitam interações e participação nas novenas e na missa, mesmo a distância. Além disso, criam-se oportunidades para que os devotos façam suas contribuições à festividade, como donativos, patrocínios e valores arrecadados no leilão de oferendas, no bingo e em outras atividades, que continuam até os dias de hoje.

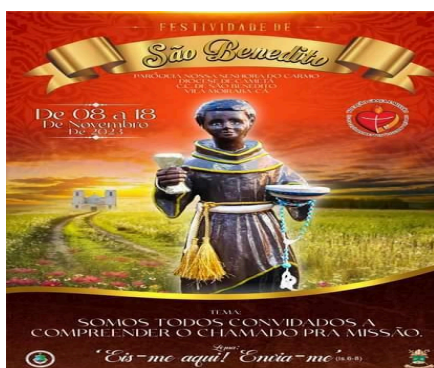
Muitas famílias elitizadas ainda se destacam em seu favoritismo tradicional no leilão de oferendas, sendo elas os principais alvos dos leiloeiros para arrematar os donativos. As famílias tradicionais aguardam ansiosamente a sorte nas premiações do bingo, independentemente de quais sejam os prêmios. No entanto, promesseiros arrematam donativos com valores previamente reservados, conforme suas promessas, como forma de contribuição para a festividade. Atualmente, com o intuito de resgatar a celebração de São Benedito no dia 5 de outubro, data celebrada no Brasil desde 1983, os organizadores da festa do Santo Preto aderiram à tradição de apresentar, nessa data, os cartazes da festividade, acompanhados do tema principal da festa, para a satisfação do povo quilombola, conforme mostram as **figuras 40 e 41**.

Figura 40 – Banner da festividade de 2022.



Fonte: Shirlene Coelho (2022).

Figura 41 – Banner da festividade de 2023.



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Ao término das programações religiosas, no dia seguinte ocorre o encerramento da festa com a derrubada do mastro, para a qual todos são convidados. Esse momento cultural, juntamente com a nova proposta, leva aos moradores concepções de resgate histórico e de continuidade dos elementos religiosos para as futuras gerações. As **figuras 42 e 43** demonstram essas perspectivas.

Figura 42 – Grupo de mulheres ao redor do mastro.



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Figura 43 – Derrubada do mastro.



Fonte: Shirlene Coelho (2023).

Assim, este trabalho busca refletir, juntamente com a população, sobre mecanismos que possibilitem resgatar o que foi esquecido e trazê-lo para os dias atuais, preservando o que ainda existe em memória de nossos ancestrais. Isso inclui a conscientização de todos os setores, como a educação, a igreja e o trabalho. Para Hellen Coêlho (2023, p. 11), “enxergar a educação como espaço de oportunidade de transformação dessa conjuntura é o esperado, sobretudo depois da Lei 10.639/03, (...) que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-brasileira nas escolas”. Nesse contexto, percebe-se uma ampliação no ensino educacional, que permite ao estudante conhecer e reconhecer os bens patrimoniais presentes em nossas comunidades, bem como se sentir sujeito pertencente a essa identidade, que é de grande relevância para a historicidade territorial do Quilombo São Benedito.

4. CONHECER PARA RECONHECER: A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO ENSINO DE HISTÓRIA

A educação patrimonial em territórios quilombolas é de suma importância para o ensino-aprendizagem, considerando que, quando afirmamos pertencer a uma comunidade quilombola ou nos identificamos como remanescentes de quilombo, há uma associação comum a pessoas escravizadas ou à ideia de que o território abriga apenas negros refugiados. De acordo com Cida Bento (2022, p. 14), “descendentes de escravocratas e descendentes de escravizados lidam com heranças acumuladas em histórias de muita dor e violência, que se refletem na vida concreta e simbólica das gerações contemporâneas. Fala-se muito na herança

da escravidão e nos seus impactos negativos para as populações negras, mas quase nunca se fala na herança escravocrata e nos seus impactos positivos para as pessoas brancas”. Sabemos que, na história, especificamente no período colonial, houve grandes perdas de vidas desencadeadas por lutas e resistências em prol da liberdade. Segundo Martha Santana, Maria Ferreira e Aldo Rezende (2021, p. 6), “desde o período colonial, quando se fala em quilombo pensa-se em fuga e isolamento, lugar de ‘negro fujão’. Contudo, apesar de muitos terem se formado dessa maneira, fuga e isolamento não definem o que é ser um quilombo”. Nesse contexto, surgem várias indagações, tais como: O que é ser quilombola? Qual é a sua representatividade para nosso território? Qual a relevância no contexto patrimonial? Sabe-se que existem diversas referências historiográficas sobre o ser quilombola. Para Beatriz Nascimento (2021, p. 36), “não podemos aceitar que a história do negro no Brasil, presentemente seja entendida apenas através de estudos etnográficos, sociológicos. Devemos fazer a nossa história, buscando nós mesmos, jogando nosso inconsciente, nossas frustrações, nossos complexos, estudando-os, não os negando”. Por conseguinte, torna-se necessária a educação patrimonial para que muitos remanescentes do território conheçam a realidade de sua própria história. A principal característica de um quilombo é a autonomia em diversos aspectos, como a produção, a organização, a economia, a cultura, o patrimônio e a educação, entre outros, que precisam ser reforçados não só pelo ensino de História, mas também em outras disciplinas, em conjunto com as comunidades locais, para a identificação dos patrimônios presentes no território.

Observa-se que muitos remanescentes não reconhecem e, conseqüentemente, não valorizam os bens patrimoniais existentes, como o elemento representativo patrimonial que é a festividade de São Benedito. Todavia, as escolas representam as histórias das comunidades locais, pois desempenham um papel fundamental na explicação da importância da educação patrimonial, destacando os traços essenciais dos bens patrimoniais do território. As escolas, sejam elas públicas, ribeirinhas, rurais, indígenas ou quilombolas, bem como outras instituições que atendem à proposta de ensino, como as instituições particulares tradicionais, têm a responsabilidade de transmitir continuamente esse conhecimento para os alunos e para o ambiente escolar.

Tais práticas possibilitam ao corpo discente o acesso a informações sobre as memórias e a valorização dos patrimônios presentes na festividade de São Benedito e em todo o território. De acordo com Selva Fonseca (2006, p. 132), “a memória das pessoas, da localidade, dos trabalhos, das profissões, das festas, dos costumes, da cultura, das práticas políticas, está viva entre nós. (...) temos o papel de juntos (...) registrá-lo, produzir reflexões e

transmiti-lo a outros”. Dessa forma, será possível envolver os alunos no reconhecimento e valorização da memória e dos bens que compõem o patrimônio territorial, tanto materiais quanto imateriais, como os bens da festividade de São Benedito. Isso também os instigará a buscar meios de conhecer a história de instituições, associações e quilombos, além de analisar documentos e registros fotográficos que despertem para a valorização dos bens patrimoniais da festa.

Assim, “o ensino de História local estabelece através da educação patrimonial um comprometimento com a preservação e a produção cultural” (Lima, 2007, p. 1). É expressamente necessária a viabilidade do conhecimento acerca de uma educação voltada para a memória e o patrimônio, que são desconhecidos por grande parte dos alunos. Essa proposta visa aproximar o ensino de História da Educação Patrimonial, considerando que cada instituição escolar, ao longo de seus anos de funcionamento, envolve características próprias, construídas por meio de um legado cultural acumulado pelas sucessivas gerações de alunos, professores, educadores e outros profissionais, que deixam suas marcas tanto nos aspectos da cultura material quanto nos aspectos intangíveis.

Nesse sentido, todas as escolas possuem elementos de representatividade importantes, que se manifestam não apenas nas festas e comemorações, mas também em ações como palestras e seminários, que podem rememorar a educação patrimonial por meio de registros históricos. Isso contribui para o reconhecimento do processo de preservação, memória e patrimônio territorial, identificando as mudanças e permanências ao longo do tempo, com o objetivo de promover o conhecimento dos bens patrimoniais inseridos no quilombo. Essas atividades incentivam o cuidado e a valorização desses bens, mostrando aos alunos imagens, vídeos, documentos e pesquisas orais que retratam episódios exemplares de preservação, tanto no contexto educacional quanto na festividade de São Benedito.

Ao longo do tempo, essa festividade tem sofrido mudanças e vem sendo esquecida, não apenas pela nova geração, mas também por parte dos nossos governantes, que não direcionam recursos para a conservação dos prédios das comunidades, o que evidencia um verdadeiro descaso por parte de nossos representantes. Nesse sentido, espera-se que os alunos não apenas desenvolvam práticas de ensino relacionadas aos bens patrimoniais, mas também envolvam a comunidade como um todo, contribuindo com profissionais e ações, como palestras, que viabilizem informações e deem aos alunos a autonomia necessária para construir e valorizar sua própria história. Isso inclui a análise de acervos e o reconhecimento do pertencimento ao território e à Comunidade Cristã de São Benedito.

O objetivo é despertar nos alunos uma compreensão mais ampla sobre os bens pertencentes à igreja e à festividade, apresentando os motivos históricos, políticos e sociais que levaram à sua construção e incentivando o conhecimento sobre registros e transformações no âmbito escolar. Esse processo visa valorizar a história da comunidade e, principalmente, aproximar o aluno do acervo existente no território, conscientizando-o sobre a importância da preservação, da memória e do patrimônio do quilombo de São Benedito, onde o festejo está inserido.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É de suma importância destacar que, no âmbito educacional, as instituições de ensino, como a escola e a igreja pertencentes ao território, estão constantemente em sintonia, haja vista que aqueles que trabalham na parte religiosa da festividade geralmente são os mesmos profissionais que atuam na Escola Gracinda Dias Peres. Esta escola está inserida anualmente nas programações festivas do território, pois os profissionais educacionais locais são quase sempre os mesmos coordenadores ou organizadores da festividade. Da mesma forma, nas situações em que há necessidade de remanejamento de alunos por questões de infraestrutura da escola, os centros comunitários, principalmente o salão social da Igreja de São Benedito, são acionados para comportar a grande demanda de alunos e profissionais, de modo que as aulas possam continuar sem comprometer o ano letivo.

Dessa forma, o presente trabalho viabiliza discussões entre os profissionais do âmbito educacional para que se possam trabalhar temáticas voltadas à educação patrimonial, à elaboração de projetos, aos costumes da localidade, às crenças, entre outros, que promovem a valorização da cultura local. É enfatizada a diversidade dos bens patrimoniais, com o objetivo de conhecer e valorizar os principais instrumentos de luta contra o racismo no campo educacional, conforme preveem as leis 10.639/2003 e 11.645/08, que reforçam a inserção da história e cultura afro-brasileira e indígena nos currículos. “(...) trabalhar com equidade exige um posicionamento sistêmico, significa reconhecer e enfrentar o racismo entranhado nas diferentes instâncias sociais, seja no interior das organizações, seja no campo em que ela atua enquanto parte de um coletivo de organizações que compõe a sociedade” (Bento, 2022, p. 77). Essas leis respaldam o ensino no território do quilombo de São Benedito em consonância com a Festividade de São Benedito. Sendo este um território titularizado, facilita-se a viabilização de processos junto ao poder público, para que ele possa exercer seu papel de mediador na preservação do que ainda existe em nossa localidade sem estereótipos. De acordo com

Chimamanda Adichie (2009, p. 13), “a consequência da história única é esta: ela rouba a dignidade das pessoas. Torna difícil o reconhecimento da nossa humanidade em comum. Enfatiza como somos diferentes, e não como somos parecidos”. Nesse contexto, faz-se necessário ter cuidado com a história única, pois, assim como ela humaniza, também pode desmerecer a dignidade das lutas de nossos antepassados.

Diante do exposto, observa-se um índice muito elevado de resquícios escravocratas em nosso quilombo resistente, mesmo em pleno século XXI, onde a maioria dos remanescentes se vê em um cenário de servidão para a supremacia branca elitizada. Isso se reflete nas antigas atitudes estereotipadas que estão enraizadas em nosso território. Para Cida Bento (2022, p. 9) “não temos um problema negro no Brasil, temos um problema nas relações entre negros e brancos, (...) uma relação de dominação de um grupo sobre outro, como tantas que observamos cotidianamente ao nosso redor, na política, na cultura, na economia e que assegura privilégios para um dos grupos e relega péssimas condições de trabalho, de vida, ou até a morte, para o outro”. Somente por meio do conhecimento é possível obter o reconhecimento e o respeito necessários para se sentir parte de uma comunidade quilombola.

FONTES**I. FONTES ORAIS:**

ENTREVISTADOS	IDADE	LOCAL DE NASCIMENTO	OCUPAÇÃO
Mariana da Conceição Fiel	81 anos	Vila Moiraba	Aposentada
Maria das Graças Gonzaga Moraes	76 anos	Vila Moiraba	Aposentada
Haroldo Lobo de Jesus	63 anos	Vila Moiraba	Reserva da Aeronáutica e Agente Distrital
Domingas Lisboa Rodrigues	82 anos	Aripijó – Cametá	Aposentada e membra da AMARQUISB

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

AMARQUISB. **Associação dos Moradores e Agricultores Remanescentes do Quilombo São Benedito**. Disponível em: <https://sites.google.com/view/amarquisbquilombosaobenedito/p%C3%A1gina-inicial>. Acesso em: 10 dez. 2022.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_3/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 27 mar. 2022.

COELHO, Hellen Rosy Bernardo Candido. **Por uma educação patrimonial e antirracista: Quilombo Paratibe-PB**. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Centro de Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2023.

CRUZ, Mércia Socorro Ribeiro; MENEZES, Juliana Santos; PINTO, Odilon. Festas culturais: tradição, comidas e celebrações. **Encontro Baiano de Cultura**, v. 1, 2008.

FONSECA, Selva Guimarães. História local e fontes orais: uma reflexão sobre saberes e práticas de ensino de História. **História Oral**, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2006.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico da educação patrimonial**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Museu Imperial, 1999.

IPHAN. **Guia básico da educação patrimonial**. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/temp/guia_educacao_patrimonial. Acesso em: 27 de mar. 2022.

LIMA, Idelsuite de Sousa. Ensinar, aprender, defender, preservar: ensino da história local e educação patrimonial. **Revista Cadernos do Ceom**, v. 20, n. 26, p. 223-236, 2007.

MARTINS, Luciana Conceição de Almeida. Ensino de História, Educação Patrimonial e Museu Virtual do Quilombo do Cabula: Possibilidades e Conexões. **Sillogés**, v. 5, n. 1, p. 319-336, 2022.

MOURA, Ignácio Baptista. **De Belém a S. João do Araguaia - Vale do Tocantins**. Belém: FCTPN/SECULT, 1989.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

OLIVEIRA, Alini Nunes de; CALVENTE, Maria Del Carmen Matilde Huertas. As múltiplas funções das festas no espaço geográfico. **Interações (Campo Grande)**, v. 13, n. 1, p. 81-92, 2012.

OLIVEIRA, Margarida Maria Dias de. O ensino de história, a memória e o patrimônio cultural. **História & Ensino**, v. 15, p. 119-130, 2009.

PALMARES. República Federativa do Brasil Fundação Cultural Palmares. Departamento de Proteção ao patrimônio Afro – Brasileiro, criada pela Lei n. 7.688 de 22 de agosto de 1988.

PERFIL DO QUILOMBO. Autor Raymundo Garcia Cota, PHD, professor aposentado da Universidade Federal do Pará, registrado na Fundação Palmares e ITERPA.

POMPEU, José Danuzio Pinto. **Evolução Territorial e Urbana do Município de Cametá**. Cametá: Novo Tempo, 2002.

SANTANA, Martha Shauana Batista; FERREIRA, Maria José de Resende; REZENDE, Aldo. **Cadernos Didáticos de Educação Patrimonial para turismo Cultural em Comunidades Quilombolas [recurso eletrônico]**: caderno 3: educação patrimonial no turismo cultural em comunidades quilombolas. 1. ed. Vitória: Instituto Federal do Espírito Santo, 2021.

SILVA, Sílvio Teixeira, ASSUNÇÃO, Marlene (coords.). **Chão de Fé, Chão de História, Chão de Amor**. Cametá: Paróquia São João Batista, Diocese de Cametá, s/d.

SOUSA. Arodinei Gaia de. **Irmandade Leiga na Amazônia: Os Irmãos Devotos de São Benedito de Belos Prazeres - Cametá - Pará (1960-2010)**. Cametá: Novo Tempo, 2012.

VARELA, Fernanda Nílvea Pompeu; PINTO, Benedita Celeste de Moraes. Festa de Santo Preto: memórias de fé, lutas e resistências na Vila de Carapajó/Cametá-Pará. **Humanidades & Inovação**, v. 9, n. 16, p. 153-162, 2022.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de autorização de uso de imagem e depoimento oral



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS ANANINDEUA
FACULDADE DE HISTÓRIA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTO ORAL

Eu, XXX, estado civil XXXXXXXXXXXXXXX, RG XXXXXXXXXXXXXXX, esclarecido sobre os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, AUTORIZO, através do presente termo, o pesquisadora Shirlene da Silva Lobo, graduanda em História pela Faculdade de História – FAHIST da Universidade Federal do Pará, o uso da minha imagem e depoimento oral na pesquisa, publicações científicas, eventos científicos (âmbito local, nacional e internacional) e uso como documentação para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) **“A Festividade de São Benedito no Quilombo: Entre passado e presente, mudanças e permanências, e a importância do conhecimento para seu reconhecimento”** sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, estou ciente da finalidade das entrevistas gravadas e imagens feitas no dia ____ de _____ de 2023, para uso integral ou em partes, sem restrições de prazo e limites, para fins científicos em favor do pesquisador, acima especificado. Da mesma forma, autorizo a guarda e controle da universidade, sobre a entrevista e o uso por terceiros.

Por ser a expressão da minha vontade, assino o termo de autorização, cedendo, todos os direitos autorais dos depoimentos e entrevistas fornecidas por mim, abdicando do direito de reclamar de todo e qualquer direito conexo à minha imagem e/ou som da minha voz, e qualquer outro direito decorrente dos direitos abrangidos pela Lei nº 9160/98 (Legislação dos Direitos Autorais).

Ananindeua, ____ de _____ de 2023

Assinatura do pesquisado(a)

Assinatura do pesquisador